

34º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

ST30: Sexualidade, gênero: ética e política

Entre árvores ou paredes: subversão e controle nas sociabilidades de adolescentes homossexuais

Marcelo Perilo¹

Resumo

Discuto, por meio de uma abordagem etnográfica, sociabilidades de adolescentes homossexuais. Para tal, analiso estratégias e dispositivos de controle das vivências de *teenagers* em um parque público e em uma boate, ambos na cidade de Goiânia. Sugiro a emergência de culturas juvenis peculiares por códigos e performances desestabilizadoras da norma heterocêntrica em suas experiências na metrópole. Aciono gênero, classe e raça como marcadores importantes para refletir a relação das garotas e garotos entre si e em contato com “outros” que ora apóiam, ora inviabilizam seu acesso a experiências dentro ou fora de ambientes simbolicamente definidos como guetos homossexuais. Interessa, ainda, problematizar desafios éticos e metodológicos considerando a presença do antropólogo em campo instado a etnografar prazeres e condutas eróticas dissidentes de sujeitos na menor idade.

Goiânia

2010

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás; pesquisador do Ser-Tão, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade da UFG; bolsista da CAPES. gyp3@hotmail.com

Quando viu o coelho tirar um relógio do bolso do colete e olhar as horas, e depois sair em disparada, Alice se levantou num pulo (...), e, ardendo de curiosidade, correu pela campina atrás dele, ainda a tempo de vê-lo se meter a toda a pressa numa grande toca de coelho debaixo da cerca. No instante seguinte lá estava Alice se enfiando na toca atrás dele, sem nem pensar de que jeito conseguiria sair depois².

1. Dos coelhos a perseguir e tocas a explorar

Este texto é oriundo de minha pesquisa de mestrado em andamento³ no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. Busco verificar os efeitos e as conseqüências ocasionadas quando condutas eróticas e performances de gênero confrontam dispositivos da sexualidade. Sendo assim, realizo uma etnografia das sociabilidades de adolescentes homossexuais em Goiânia e os circuitos que estes realizam em busca de prazer e lazer na cidade.

Um dos locais onde realizo o trabalho de campo é a Área Fértil, região em um parque público ocupada pelas/os jovens a cada domingo nos períodos vespertino e noturno. Esse espaço pode ser acionado pelas/os adolescentes como um ambiente propício para encontros com amigas/os, namoradas/os e flertes. Na Área Fértil dezenas de garotas e garotos paqueram, se beijam e caminham de mãos dadas com pessoas do mesmo “sexo” e se encontram com amigas/os.

Além desse ambiente em logradouro público, destaco um local que também figura como possibilidade para sujeitos na minoridade⁴ constituírem suas sociabilidades. Trato aqui de matinês em uma boate que oferece entrada para adolescentes, ainda que o acesso e a permanência neste local obedeça a regras da administração tal qual ocorre em qualquer

² *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll.

³ Considerando a pesquisa em desenvolvimento, registro que, além das situações e períodos mencionados nos resumos submetidos para o ST 30 da 34ª ANPOCS, adicionei a este trabalho mais situações vivenciadas em campo e que, por conseguinte, coadunam para a reflexão proposta.

⁴ A utilização desse termo, bem como de seu contraposto imediato, a maioria, tem como intenção apenas destacar a relação entre idade e construção social de sujeitos relacionados a determinadas categorias etárias. Neste texto constam problematizados alguns discursos que anunciam sujeitos em relação tal terminologia. Assim, por ora utilizo da minoridade para indicar sujeitos menores de dezoito anos e, por conseguinte, quando menciono maioria estou aludindo àquelas/es com dezoito anos ou mais.

ambiente comercial.

A ênfase deste trabalho é a análise sobre *como* as/os jovens que frequentam tais ambientes articulam estratégias para convivência em detrimento a dispositivos que tendem a cerceá-los do usufruto de equipamentos urbanos. A fim de problematizá-lo, reflito sobre a realização da etnografia, bem como acerca dos dilemas éticos e metodológicos concernentes a tal empreendimento quando a sexualidade, desejo e erotismos emergem como elementos centrais a partir da etnografia.

A discussão do campo, a análise e a exposição do método será guiada por interlocutoras/es que, como no caso de Alice, seriam correspondentes a distintos coelhos que oferecem um mergulho reflexivo sobre circuitos de jovens na cidade. Elas/es transitam pelo parque público e a boate, sendo que cada qual em sua idiossincrasia viabilizam questionamentos sobre marcadores sociais da diferença, dispositivos de poder e, também, acerca de subjetividade erótica – inclusive no contato com o antropólogo.

2. Domingo sempre no parque; talvez na boate: sexualidades disparatadas e deslocamentos possíveis

Embora o estabelecimento de áreas de sociabilidade e interação entre homossexuais não seja um fenômeno recente no Brasil, o agenciamento de espaços e roteiros, bem como sua visibilidade, passaram por mudanças significativas nas últimas décadas. Aliada a maior oferta de bens e serviços, foram constituídos ambientes para públicos específicos como gays e lésbicas, seja bares, boates, saunas, cinemas, parques e ruas (FRANÇA e SIMÕES, 2005). Contudo, cabe registrar que mesmo havendo recente configuração dos espaços e lugares de sociabilidades entre homossexuais no país, a intolerância a travestis, transexuais, bissexuais, lésbicas e gays, inclusive daquelas/es que demonstram afeto em público, está manifesta em relatos de assassinatos e demais modalidades de violência.

Em resposta à análise da diversidade e a fim buscar significados nos trânsitos de sujeitos na cidade, recorro à reflexão proposta pelo antropólogo José Magnani (2005; 1996) mediante o termo “circuitos urbanos”. Percebo essa compreensão como mais adequada para conjecturar “como os diferentes atores sociais se apresentam no espaço urbano, circulam por

ele, usufruem seus equipamentos e, nesse processo, estabelecem padrões de troca e encontro no domínio público” (MAGNANI, 2005: 202)⁵.

Sendo assim, minha etnografia está focada na Área Fértil, região em parque público⁶ que, conforme indicado em texto anterior (PERILO, 2010), congrega cerca de trinta a sessenta jovens e emerge em uma região no parque localizada entre o bosque e a sede da administração do parque. Então, quanto mais distantes da aglutinação das garotas e dos garotos, menos “fértil” é essa área.

A dinâmica de ocupação do parque pelas/os jovens para constituição da Área Fértil corresponde a uma seqüência de ocasiões. Quando as/os jovens comparecem à região específica deste logradouro público no início da tarde, aproximam-se de alguns bancos e aguardam seus pares. Pode-se perceber um processo de imersão destas/es em um contexto distinto do restante do parque, de modo que a concentração de todas aquelas pessoas institui um contraste em relação a toda a região. Quanto mais aglutinadas/os, mais intensa é a nitidez da ruptura provocada por tais adolescentes.

O que considero notável no local é justificativa e motivo para um olhar mais atento e conseguinte incursão a campo. A aglomeração das/os jovens é marcada por descontração, demonstração de afeto e performances que borram uma coerência hegemônica suposta entre corpo, gênero e desejo (BUTLER, 2008). Nesse local foi constituída uma área de sociabilidade onde, nas tardes e noites de domingo, aquelas e aqueles que a frequentam não buscam apenas contatos afetivos com possíveis pretendentes, mas constituem ali um local para usufruto de lazer.

Ademais, podem ocorrer situações onde fatores externos interferem na concentração das e dos jovens e prejudica sua interação, os flertes, os contatos entre amigos, enfim, suas sociabilidades. Uma dessas ocasiões pode ser ilustrada pela intervenção de um grupo de homens *outsiders*, ou seja, não pertencentes à Área Fértil aparentando serem em geral mais

⁵ Com relação a termos que aludem locais e deslocamentos entre estes em contexto urbano, Magnani (2005) enfatiza a utilização de “circuitos”. A utilização da categoria se fundamenta porque é a mais abrangente dentre outras que lhe são relacionadas, como pedaço e mancha.

⁶ O referido parque tem cerca de dezoito mil m² e está localizado em uma região de Goiânia característica por produtos, bens e serviços destinados a uma parcela da população com alto poder de consumo.

velhos. Eles pareciam saber que lá se encontram garotas que flertam e ficam com garotas, além dos garotos que fazem o mesmo com outros garotos. Ou, no mais, deveria ser reprovável aos *outsiders* a performance de gênero daquelas/es ali localizados.

O grupo de forasteiros era composto por dez homens, que chegaram parodiando as/os jovens. O que seria assédio moral tornou-se ainda mais agressivo quando um dos *outsiders* tocou de maneira provocativa na orelha e rosto de um garoto sentado em um banco. Após esse episódio o grupo dos dez seguiu rumo a outra região do parque. Os garotos do núcleo continuaram a conversar e interagir. Minutos depois os *outsiders* retornaram em grupo de quinze, aproximaram-se de outro garoto sentado em um dos bancos e, em rápido movimento, um destes homens acertou o rosto do jovem. Todas/os correram, seja o pessoal da Área Fértil – onde eu me incluo – receosos e inseguros, seja os forasteiros pela agressão que cometeram.

Alguns garotos, inclusive aquele agredido, recorreram à sede da administração do parque onde estavam alguns agentes da guarda municipal. Um dos fardados saiu de moto correndo pelo local à procura dos agressores que, no momento de saída do veículo, provavelmente já estavam bem afastados. Os jovens gritavam indignados denunciando a falta de segurança no local. O agredido bradava intempestivamente: “*Olha aqui o roxo em minha cara. Eles me bateram, não foi um beijo!*”. Outro: “*Eles esperaram a gente apanhar para ir atrás*”. Com a tensão, algumas/os jovens foram embora e parte deles buscaram outras áreas do parque. A maioria insistiu e continuou imersa na iluminação e segurança precárias. Após alguns minutos a incômodo foi substituído em virtude do restabelecimento da peculiar interação que é possível verificar na Área Fértil.

Dezenas de pessoas estavam novamente aglomeradas, contudo, ainda mais intensas, barulhentas e lascivas. Alguém gritou fazendo troça com relação ao episódio da agressão: “*Eu sou hétero*”. Uma voz da mesma região respondeu imediatamente: “*E minha mãe é virgem!*”. Apesar de sujeitos a agressões, as jovens têm consciência dos deslocamentos que promovem ao se apropriarem do parque público e sabem do risco iminente em frequentá-lo.

Além da Área Fértil, também realizei trabalho de campo em duas sessões matinês destinadas a adolescentes. Ambas as festas ocorreram⁷ na mesma boate em Goiânia em tardes

⁷ A primeira em 18 de outubro de 2009 e a segunda em 13 de junho de 2010.

de domingo. A proposta de investigação desse espaço não corresponde a um exercício exaustivo de comparação entre dois ambientes para homosociabilidade frequentados eminentemente por adolescentes, contudo, minha intenção é verificar distintas modalidades de usufruto de espaços por este público a fim de pensar seus trânsitos em meio à cidade. Dito isso, registro que a boate não é o único local possível para as/os jovens, mas, paralela a shoppings, bares e demais ambientes, configura-se enquanto ambiente interessante para a leitura de seus circuitos na cidade.

Na boate onde ocorrem as *matinês* o acesso ao público é geralmente autorizado a jovens de quinze ou mais anos. As portas são abertas a partir das 17 horas e as atividades são encerradas com o fechamento definitivo do local às 21 horas. Considerando as apresentações, a música eletrônica e a iluminação, essas festas oferecem recursos semelhantes àqueles existentes em momentos em que a entrada é exclusiva para adultos. Contudo, na adaptação do ambiente para que o poder público autorize a realização da *matinê*, a venda de bebidas alcoólicas é vedada e o *dark room* é desativado.

Em um dos dias em que estive presente na boate pude verificar como a apresentação de um *gogo boy* causou furor dentre as/os garotas/os. O promotor da festa anunciava o show usando de um microfone e pediu aos presentes que não registrassem por hipótese alguma, seja via celulares ou câmeras, a performance que estava para acontecer. Tal cautela se explica por conta das restrições aplicadas a atrações para jovens na menoridade em relação ao conteúdo do show. Após esse acordo – que certamente foi rompido pela ousadia de algum/a jovem – surgiu em cena o *gogo boy*: malhado, alto, corpo todo liso. Ele usava coturno e trajava uniforme com estampa em tons verdes semelhante àquela utilizada por militares.

O show foi ovacionado pelas/os jovens do começo ao fim e gerou muita atenção, pois a expectativa era que ele se despisse. E ocorreu. À medida que o performer dançava, também retirava as peças de roupa, exibindo assim seu corpo. As/os jovens aplaudiam e demonstravam muito interesse no show, contudo, aquele *gogo boy* era um contraste absoluto em relação a quase todas/os na boate. Enquanto as garotas e os garotos eram geralmente jovens e franzinas/os, o *gogo boy* adulto, alto, musculoso e, além disso, emulava referenciais de masculinidade por meio de sua dança e roupa.

Em um intervalo entre as apresentações do *gogo boy* e de *drag queens* alguns garotos

foram chamados para dançarem músicas, em um concurso. Subiram voluntariamente apenas três deles, sendo que houve um momento de perguntas onde o promotor da festa inquiriu aos meninos os bairros onde residiam. O primeiro garoto afirmou um bairro distante e/ou periférico; o outro ficou calado em postura de provocação; o terceiro garoto respondeu apenas que morava “Ali”. Ficou evidente a tentativa de ocultarem a região da cidade ou região metropolitana onde residiam. Paralelamente, aquele que mencionou o bairro recebeu uma reação enfática de risadas da platéia como se a menção àquela região correspondesse a algum tipo de desabono.

Ao final da noite nas matinês a dinâmica de sedução é intensificada. Enquanto garotas e garotos se estabelecem em casais ou beijam algumas pessoas, as/os jovens recorrem ou/e atacam com maior frequência a flertes. Ainda que um espaço específico para interações eróticas, como o *dark room* não esteja em funcionamento, a pista de dança e suas imediações, tais como o palco e o banheiro, acabam sendo atribuídos de acentuado caráter erótico. No caso dos garotos isso se torna mais explícito quando alguns retiraram as suas camisetas.

Dessa forma, apresentados alguns elementos das sociabilidades e interações das/os jovens, destaco uma colocação provocadora do antropólogo Edmund Leach (1996) que guia a leitura até a próxima sessão do texto onde as interações na parque e na boate serão problematizadas. O autor assim se manifesta em sua assertiva:

Imagino que a principal dificuldade que todo antropólogo tem de enfrentar é saber o que fazer com os fatos. Quando leio o livro de um colega de antropologia, confesso que às vezes os fatos me deixam entediado. Não vejo perspectiva de visitar a Polinésia ou os territórios do norte da Costa do Ouro, nem consigo suscitar em mim mesmo algum interesse legítimo pelas peculiaridades culturais dos tikopias ou dos tallensis. Leio as obras dos professores Firth e Forte não por interesse nos fatos, mas para aprender alguma coisa sobre os princípios que fundamentam os fatos. (...). Como então eu poderia arranjar os fatos, os testemunhos miúdos? (LEACH, 1996: 273).

3. Entre árvores ou paredes: subversão e controle nas sociabilidades de adolescentes homossexuais

Considerando a realização do trabalho de campo apresentado, indico que este texto é uma tentativa de responder ao desafio formulado por Leach. Um dos elementos centrais em tal exercício é justamente reflexão sobre o trabalho de campo, sobre o que ocasionam os fatos

narrados e, ainda, sobre os sujeitos e processos relacionados aos ambientes e grupos sociais etnografados.

A apropriação de um espaço público possibilita que algumas/ns jovens em questão não se restrinjam ou estejam circunscritos apenas a tipos de relação, modalidades de convivência ou sociabilidades vinculados a estabelecimentos comerciais para condutas homoeróticas. Assim, compreendo a Área Fértil como uma resposta que essas/es jovens elaboraram em relação à discriminações, carência de lugares e equipamentos urbanos. Essa resposta, configurada na ocupação de um logradouro público pode ser identificada como uma estratégia para articular criativamente novas modalidades de convivência.

Tanto as matinês ocasionais quanto os encontros semanais no parque público ocorrem aos domingos e são opções para as vivências das/os jovens. Os atos de violência não conseguem evacuar a Área Fértil, mas favorecem a compreensão da resistência das/os adolescentes em detrimento às pesadas sanções pela ocupação do parque. Tampouco as matinês na boate podem ser compreendidas como condição ou ambiente privilegiado, pois, mesmo que seja permitida entrada a adolescentes em uma estrutura que oferta maior segurança, estas festas não são ocasionais e, nelas, são prejudicadas as possibilidades de práticas eróticas e consumo de bebidas alcoólicas.

Nas sociabilidades das/os adolescentes em cada uma das situações e locais observados são peculiares determinadas posturas, referenciais e códigos que configuram suas sociabilidades. Distinto de vivências homossexuais pautadas exclusivamente por locais vinculados ao mercado que atenda a tal público, as/os jovens em questão subvertem a ordem social fundada na economia oposicional da homossexualidade circunscrita a ambientes privados e submetida ao segredo contraposta à heterossexualidade enquanto permissível e anunciável na esfera pública (SEDGWICK, 1998; MISKOLCI, 2007).

A ocupação periódica do parque em detrimento à frequência ocasional das matinês traz à tona sociabilidades de jovens que, alheios às políticas de silenciamento, discríção e higienização de corpos e condutas, performatizam, dentro ou fora de ambientes destinados a tal público, um deslocamento da norma heterocêntrica e que têm ressignificado fronteiras e limites da/na cidade. Seja entre as paredes da boate, entre as árvores do parque público ou, ainda, no trânsito entre esses espaços, as/os frequentadoras/es destes locais protagonizam sua

transformação, multiplicam seus significados e, assim, tornam a cidade em produto de sua interação (MAGNANI, 2005).

Sendo assim, a compreensão de efeitos e conseqüências nos deslocamentos ocasionados por tais sujeitos e as sociabilidades em que estão inseridos demanda questionamento de categorias a serem consideradas para a presente análise. Em relação a mecanismos que regulam as experiências dessas/es jovens, o trabalho de campo possibilita destaque a alguns marcadores sociais da diferença, sendo sexualidade, gênero, raça, geração, classe e estilo, e tornam oportuno o acionamento da “diferença” enquanto categoria analítica (FACCHINI, 2008; PISCITELLI, 2008; SIMÕES, 2008).

O público descrito em sociabilidades no parque e na boate é composto geralmente – quando não exclusivamente – por garotas e garotos que não correspondem à maioria legal. Indico por ora essas/es jovens como adolescentes utilizando dessa compreensão enquanto um posicionamento frente a categorias etárias que conformam um conjunto relacional, sendo “criança” e “adulto”, conforme indica Laura Lowenkron (2008), dois de seus pólos.

Margareth Mead (1967) promove um interessante questionamento em relação à adolescência. A partir de sua etnografia com jovens samoanas, a antropóloga conduz à relativização sobre própria concepção de categorias etárias enquanto dado unívoco, universal, descontextualizado e pressuposto. Dessa forma, quando menciono “adolescentes” e “jovens” o faço de maneira contingencial para problematizar tais categorias e refletí-las em relação aos sujeitos nesta etnografia.

As categorias gênero e sexualidade são componentes de um conjunto relacional que não pode ser separado de todo. Entretanto, de acordo com a análise a realizada, cada uma das categorias pode ser priorizada em relação à outra, o que permite, portanto, leituras distintas. Judith Butler coloca que “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (2008: 48). O gênero para a autora indica a prática discursiva que produz o que nomeia (BUTLER, 2005), ou seja, algo ou alguém circunscrito no que contingencialmente é tomado como masculino ou feminino.

Em sua *História da sexualidade*, Michel Foucault (1988) aponta que no decurso dos séculos XVIII e XIX foram criados mecanismos que fizeram proliferar poderes e saberes

relacionados à sexualidade. Além conhecimento específico, foi constituído um dispositivo que pode ser entendido como um amálgama de discursos, instituições, leis, o dito e o não dito que acabam por regulamentar a vida em sociedade por meio da sexualidade. Segundo Foucault, “o sexo não se julga apenas, administra-se” (1988: 31).

O discernimento entre práticas, identidades e comportamentos sexuais (CARRARA e SIMÕES, 2007) no contexto desta etnografia é fundamental. Saliento que ao utilizar “homossexualidade” e categorias correlatas, tais como homoerotismos ou homosociabilidades, não busco reforçar, senão problematizar o dualismo homo/heterossexual enquanto referencial teórico. A alusão à homossexualidade não corresponde às práticas discursivas que pretendem anunciar a “verdade” do sexo ou “aprisionamento” de indivíduos a determinadas identidades (FOUCAULT, 1988), mas, neste texto, está orientada pela análise de estilos de vida que minam os efeitos de dispositivos que reiteram a heterossexualidade como norma.

Segundo Monique Wittig, “el pensamiento dominante se niega a analizarse a sí mismo para comprender aquello que lo pone en cuestión (2006: 23). Como sugere Rich, “heterosexuality, like motherhood, needs to be recognized and studied as a *political institution* – even, or especially, by those individuals who feel they are, in their personal experience, the precursors of a new social relation between the sexes” (1980: 637, grifo da autora)⁸. Trata-se de um esforço teórico, pois, como destaca Halperin, “la heterossexualidad ha rechazado la posibilidad de convertirse en un problema que requiera ser estudiado y entendido” (2004: 68).

Destacados, portanto, referenciais com os quais dialogo o trabalho de campo, indico que as performances de gênero das garotas e dos garotos em questão ofertam maior complexidade à análise visto que deslocam estereótipos e pressuposições relacionadas a masculinidades e feminilidades. Dessa maneira, nas próximas sessões destacarei implicações na realização do estudo, além das escolhas e posicionamentos acionados para a realização da etnografia.

⁸ “Heterossexualidade, assim como a maternidade, precisa ser reconhecida e estudada como uma instituição política – mesmo, ou especialmente, por aqueles indivíduos que sentem que são, em suas experiências pessoais, os precursores de uma nova relação social entre os sexos”. Tradução minha.

4. Negociando distâncias e envolvimento: o antropólogo circulando em campo minado

Imagine-se no exato momento em que você desce de um ônibus do transporte coletivo em tarde ensolarada de domingo. Enquanto o coletivo se distancia, você caminha entre as ruas cheias de edifícios e percebe que não há mais retorno: neste momento as/os interlocutoras/es já te avistaram e você está imerso em um complexo universo simbólico. Mesmo que exista escapatória você sabe que a esquivar não é uma opção, pois seu empreendimento está em jogo e a fronteira entre êxito e desastre é tênue por demais. Dessa maneira você ingressa em uma viagem ímpar que se repete a cada incursão a campo.

Essa paráfrase remete à introdução de *Argonautas do Pacífico Ocidental*, de 1922, de Bronislaw Malinowski, que registra nesta monografia as dificuldades de interação com seus interlocutores – as/os trobriandesas/es –, os limites na aproximação e, ainda, os princípios metodológicos para a realização de seu trabalho (1978). Assim como para Malinowski, a imersão em um trabalho de campo é eivada de desafios, sendo estes relacionados a uma série de variáveis. Contudo, distinto do antropólogo em questão, os desafios relacionados a minha pesquisa concernem ao estudo de práticas e condutas em contextos urbanos, seja de garotos e garotas que recorrem a um parque em pleno domingo ou, ainda, daquelas/es que utilizam do espaço de uma boate.

O processo de questionamento das familiaridades possíveis entre as sociabilidades das/os jovens e as do antropólogo e, ainda, o investimento em uma etnografia na e da cidade impele agenciamentos constantes entre aproximações e afastamentos a serem promovidos no contato com as/os interlocutoras/es. Com isso destaco que as diferenças e discontinuidades em relação ao universo pesquisado e àquele do antropólogo é matéria de relativização constante (VELHO, 1978). Sendo assim, coaduno com Magnani quando indica que o interesse pela alteridade na cidade deve se fundamentar não em uma perspectiva de exotização da diferença, mas pelo reconhecimento de experiências que, assim, têm chance de “constituírem arranjos diferentes, particulares (...) de temas e questões mais gerais e comuns a toda a humanidade” (1996: 5).

A fim de discutir as relações das/os adolescentes entre si e seu contato com “outros”, saliento que o interesse deste estudo é remetido não necessariamente aos lugares, mas às

estratégias de apropriação e resistência que as/os jovens exercitam nos ambientes que frequentam. Assim, outro desafio para a realização da pesquisa é a possibilidade de acesso e, principalmente, os tipos de envolvimento possíveis entre o antropólogo e as/os jovens em locais como o parque público e a boate. Em detrimento a algum tipo de incursão a campo que me prejudicasse a interação com as/os jovens, foi necessário adotar uma postura em campo calcada eminentemente na participação. Sobre esse aspecto destaco uma importante colocação de Jeanne Favret-Saada que promove um incitamento ao “ser afetado”.

Não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assume o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível (2005: 160).

Assumir as implicações neste empreendimento pode ocasionar variados riscos. Contudo, em consonância com Jeanne Favret-Saada (2005), ainda que “participar” ameace meu projeto de conhecimento, “observar” poderia arruiná-lo. Então, à medida que frequento o campo e, ainda, percebo algumas/ns jovens autorizando minha aproximação em relação a elas/es, passo a constituir alguns contatos para a realização da pesquisa. Carlos Brandão (2007) se refere a esse processo como uma “contaminação”, ou seja, a paulatina e cuidadosa construção do contato com as/os interlocutores para uma relação que permita variados acessos entre o antropólogo e aquelas/es às/aos quais versa a etnografia.

Considerando que a interação e o encontro são condição para o método etnográfico, como indicam Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert (2008), emerge então um grande dilema, pois em ambientes erigidos para sociabilidades homoeróticas, aquelas/es nelas inseridas estão sujeitos a sua economia da sedução (LACOMBE, 2009). Esse é um dos quebra-cabeças de difícil arranjo trazidos por Marco Antônio⁹ e Alexandre, jovens com quem convivi na Área Fértil e, também, em festa na boate.

Conheci Marco em junho de 2009 quando tomava notas em campo. Ele, que era até então desconhecido, dirigiu-se a mim. “*Posso sentar?*”. Mediante minha resposta afirmativa

⁹ Os nomes próprios das/os interlocutoras/es que constam neste texto estão modificados, portanto, não correspondem àqueles utilizados pelas/os jovens.

ele assim o fez. À época com dezesseis anos, o garoto negro e magro afirmou freqüentar esporadicamente aquela região no parque. Ele se surpreendeu com minha resposta positiva quando perguntou se eu gostava de homens e se eu era assumido. Continuamos em diálogo quando, então, ele sugeriu que desejava beijar-me. Eu ignorei a insinuação do jovem e, após algum tempo em conversa, anunciei que precisava ir embora do parque. Foi então que Marco procurou ser mais explícito ao demonstrar sua intenção: “*Ah, eu até pensei em ficar com você!*”.

Em maio de 2010, em uma incursão a campo na Área Fértil, eu conversava com algumas garotas e garotos quando um jovem que não reconheci prontamente chegou até a mim e repentinamente perguntou sobre o bairro onde eu morava. Após minha resposta esse jovem sentenciou antes de se dispersar pelo parque: “*Ah, então podemos ir embora no mesmo ônibus!*”. Somente quando o encontrei no caminho de volta para casa eu o reconheci: era Marco Antônio, nesse momento com dezessete anos. Ele frisou o interesse em ter contato comigo e, então, registrei seu email e telefone. No trajeto até sua casa – situado em bairro próximo àquele onde resido – ele novamente flertou comigo, assim como o fez em 2009.

Em se tratando do mesmo tipo de aproximação por parte de garotos, destaco minha interação com Alexandre, um jovem negro de quinze anos que conheci em uma das matinês e que passei a encontrar na Área Fértil. Apesar de situações que envolveram flerte, na relação com Alexandre foi possível negociar uma modalidade de interação que possibilitou manutenção de nosso contato. Transcrevo abaixo o trecho de um diálogo¹⁰ onde trato desse tema por iniciativa do próprio jovem.

Alexandre: *Desculpa, tá, amigo. Ontem eu pedi selinho. Fiquei constrangido.*

Marcelo: *Ficou constrangido por quê?*

Alexandre: *Por achar que tinha ficado constrangido também.*

Marcelo: *Amigo, não se preocupe. Eu não fiquei constrangido. Mas estou tentando interagir e conhecer você de maneira cuidadosa e respeitosa.*

Alexandre: *Claro.*

¹⁰ Realizado em 21 de junho de 2010 via MSN, um dos serviços para esse tipo de interação na internet.

(...)

Alexandre: *Ok. É que pra falar a verdade vou te falar uma coisa, mas não se constrange, tá? É que eu estava afim de você lá na boate, mas aí não rolou, entende? Mas eu já me conformei de ser seu amigo. Eu adoro você muito.*

Marcelo: *Alexandre, eu achei muito linda e corajosa sua declaração! Fico muito feliz! Eu quero deixar registrado que você é muito agradável e bonito. Só há uma questão que me impediria de ficar com você. É que eu sou maior de idade e você é menor.*

Alexandre: *Mais não dá nada. Meu amigo namora um homem de 31 anos e eles saem de boa, só não se mostram na frente dos outros.*

(...)

Marcelo: *Quero propor um acordo! Vamos continuar juntos nessa amizade?! Não quero perder seu contato. Você é muito querido e eu quero seu bem!*

Alexandre: *Sim, sempre. Eu já disse que eu entendi, eu sei separar as coisas, entende? Eu já passei por um relacionamento assim, só que deu certo.*

Apesar das iniciativas de Alexandre e Marco Antônio, a postura que adotei foi negar seus flertes consecutivos por conta de sua idade, fato que não os permitia circunscritos à maioridade legal. No caso específico de Marco, quando de nosso reencontro em campo, aleguei que eu não poderia corresponder à aproximação que ele desejava. Ele, então, imediatamente redargüiu: “Ah, mas eu faço dezoito anos no próximo mês”. Eu, não menos incisivo, rerepresentei meus propósitos de pesquisa e, simultaneamente, indiquei que gostaria de manter contato por conta do trabalho de campo, mas sem que essa aproximação implicasse em envolvimento erótico.

Esse cenário de constante negociação acerca de distâncias e envolvimento entre minhas/meus interlocutoras/es pode ser ainda mais complexo quando coloco em perspectiva o contato que construí com Elaine. Conheci essa garota de quinze anos, negra e magra em uma das matinês. Desde então, meu contato com a adolescente foi imbuído de intensa proximidade e confiança, sendo que durante os encontros na Área Fértil ela me considerava como um de seus contatos prioritários.

A interação que estabelecia com a garota foi ganhando contornos mais precisos. Ao

passo que não havia interesse erótico intermediando ou fundamentando essa relação, fui percebendo que eu era alguém interessante para que Elaine pudesse compartilhar intimidades, obter opiniões e conselhos, além de auxiliá-la em seus agenciamentos afetivos. Esse tipo de contato que estabeleci com a garota permitiu-me conhecer outras/os jovens, bem como ter acesso a códigos e segredos que apenas algumas/ns daquelas/es detém.

Em uma de minhas incursões na Área Fértil, estando seu namorado presente, Elaine convidou-me para um encontro com ambos no mesmo parque, contudo, fora da dinâmica típica dos domingos. Eu acatei prontamente. Nosso encontro ocorreria em uma manhã de quarta-feira e eu ficaria em sua companhia até que seu namorado chegasse do trabalho. Contudo, no dia do encontro Elaine desmarcou com o garoto porque em verdade queria encontrar com uma das garotas com quem estava flertando. Em função de qualquer pretexto ela poderia também cancelar o encontro comigo. Contudo, ela o confirmou e passamos a tarde no meio da semana juntas/os. Assim, posto que convidado, passei a ser simultaneamente cúmplice e companheiro de Elaine em algumas de suas trajetórias na cidade.

Em função das aberturas oferecidas pela garota eu também pude me permitir ainda mais acessível e sensível. Elaine tornou-se uma de minhas principais interlocutoras na pesquisa ao lado de Alexandre e Marco Antônio. Sendo assim, salientadas distintas modalidades de interação que construí com estas/es jovens, continuo discutindo a seguir sobre limites e fronteiras quando do trabalho de campo em contextos de sedução e erotismos.

5. Sobre uma etnografia possível: éticas e desejos em jogo

Um crescente número de antropólogas/os¹¹ têm refletido sobre implicações da sexualidade e do desejo enquanto elementos centrais na realização do trabalho de campo. O destaque sobre a subjetividade é complexificado quando as/os pesquisadoras/es realizam etnografias de práticas e condutas sexuais. Ao passo que as/os pesquisadoras/es estão inseridas nas situações em que investigam e, portanto não estão incólumes, imunes ou despercebidas/os, um dos elementos que passam a fazer parte das negociações com as/os

¹¹ Destaco aqui os trabalhos de Andrea Lacombe (2009); Camilo Braz (2010a; 2010b); María Elvira Díaz-Benítez (2009); Néstor Perlongher (2008); e Paulo Rogers (2006).

interlocutoras/es é justamente o corpo da/o pesquisador/a.

Os marcadores sociais das/os antropólogas/os não necessariamente inviabilizam ou potencializam condições de realização de pesquisas, mas conduzem-nas/os a resultados e leituras distintas quando a/o pesquisador/a está mais ou menos próxima/o da demanda de desejo daquelas/es que podem ser constituídas enquanto suas/seus interlocutoras/es ou, ainda, quando a presença de certos corpos em determinadas ocasiões correspondem ou não à expectativa e à inteligibilidade conferida pelos sujeitos mediante dado contexto. A fim de problematizá-lo, destaco um trecho da etnografia de Camilo Braz em clubes para sexo entre homens.

A despeito de minha própria vontade, eu não era invisível nos clubes e minha inserção esteve permeada pelas expectativas criadas sobre mim quando estive em campo. Sendo esta uma pesquisa que demandou necessariamente a minha exposição em contextos permeados por expectativas que giram em torno do desejo, uma estratégia para tornar essa “saia-justa” metodológica e analiticamente rentável foi tomar a corporalidade tanto como objeto de investigação, quanto em certo sentido como metodologia de pesquisa (BRAZ, 2010a: 45-46).

Como menciona o antropólogo, a reflexão sobre a corporalidade em campo pode ser estrategicamente apropriada como elemento necessário ou, ainda, solução para impasses metodológicos. As regulações e hierarquias que indicam quais são os sujeitos e condutas que importam podem ser evidenciadas quando a/o própria/o antropóloga/o emerge em destaque nas etnografias. Esse é o caso do trabalho de campo realizado por María Elvira Díaz Benítez (2007) em um *dark room*, sendo um dos elementos de análise da autora a reação do público geralmente masculino quando da notificação de que o corpo da antropóloga não correspondia à expectativa neste que ela chama de ritual de escuridão e silêncio.

Sinalizo uma situação na Área Fértil relacionada à percepção sobre meu corpo que permite evidenciadas certas particularidades dentre estilos e códigos valorizados por algumas/ns de suas/seus freqüentadoras/es. Tenho comparecido a AF com penteado que ressalta o volume de meus cachos, ainda que seja perceptível uma tendência neste ambiente relacionada à valorização de cabelos lisos. Quando as/os jovens não o possuem, algumas/ns aderem a certos tratamentos para alisá-los. Em uma das tardes de domingo um garoto se aproximou de mim e, num rompante, sentenciou: “*Se você fizesse chapinha eu ficaria com você!*”. Sua postura era incisiva, contudo, com o mesmo vigor da jovem eu respondi que

manteria meu cabelo como estava.

Em retorno a minha interação com Marco Antônio, em certa ocasião este garoto expressou por que desejava envolvimento erótico. Ele sinalizou que eu representaria o avesso das pessoas que frequentam a Área Fértil por ser adulto e cursar universidade. Segundo ele, as pessoas da AF seriam barulhentas, incômodas e instigadas apenas por sexo. Em outra situação, durante uma matinê, com o mesmo desdém que habitualmente aplica às pessoas da Área Fértil, ele se referiu ao público desta festa. Contudo, assim como muitas/os jovens da AF ou da boate, Marco é adolescente, reside em bairro na periferia da cidade, não possui alto padrão de consumo e também não corresponde a estratos hegemônicos caso também acionados marcadores raciais.

Em uma instigante análise, Gayle Rubin (1989) identifica estratificações e hierarquias aos quais os sujeitos estariam envolvidos em relação a suas condutas eróticas. Quanto mais distantes de corresponderem à compreensão de um “sexo bom” – leia-se “normal, natural, sagrado” – mais sanções poderiam sofrer tais indivíduos. Nessa lógica, as travestis, as/os praticantes de sexo intergeracional e as transexuais seriam todas/os sectários de uma sexualidade “pecaminosa”, “extravagante” e “anti-natural”. Nesse indicativo as condutas eróticas “más” conformam um quadro complexo quando da articulação da sexualidade com outros marcadores sociais, sendo que estariam ainda mais desabonados aqueles sujeitos não identificados como brancos, cristãos, ocidentais e proprietários.

As/os jovens que comparecem aos domingos na Área Fértil têm neste ambiente oportunidade para convívio com outras/os que também demandam usufruto daquele tipo de prazer e lazer. Em suas sociabilidades, as/os adolescentes que lá se encontram mantêm relações afetivas em ambiente público, não correspondem à conduta heterossexual e são peculiares por suas performances e estilos¹². Embora não o queira ou, ainda, não o reconheça como tal, Marco Antônio congrega muitas das características que reprova nas pessoas que frequentam os espaços e circuitos em destaque neste texto.

¹² O investimento em uma estilística é uma das preocupações das/os jovens. Apesar de pessoas com distintos investimentos em trajes e códigos visuais coexistirem na Área Fértil, há um elemento central: as cores. Há grande profusão de tons e matizes vibrantes e intensas, seja nos acessórios, na tintura dos cabelos, nas pulseiras e nos óculos que essas/es jovens utilizam.

Gostaria de destacar, então, um elemento que Rubin problematiza dentre aquelas as práticas circunscritas no escopo das “sexualidades más”: as relações intergeracionais. O ingresso hipotético nesse tipo de relação, como a pleiteada por Alexandre e Marco Antônio em relação ao antropólogo poderia certamente converter-se em motivo de alarde e, por conseguinte, ameaçar esse projeto de conhecimento. Portanto, gostaria de finalizar o texto salientando outros elementos referentes ao trabalho de campo onde o antropólogo está caminhando por arame farpado quando instado a etnografar prazeres e condutas eróticas dissidentes de sujeitos na menoridade.

O Código de Ética do Antropólogo em vigor no país, criado pela Associação Brasileira de Antropologia¹³, lista seis itens que correspondem a direitos das/os antropólogas/os; seis itens que dizem respeito a direitos das populações estudadas; e, ainda, três itens que destacam responsabilidades destas/es pesquisadoras/es. Enquanto documento sintético e abrangente, o código de ética da ABA não especifica casos ou situações para cada uma das particularidades possíveis na pesquisa antropológica.

Um dos itens do documento pode auxiliar a reflexão aqui proposta. O texto diz que “os direitos dos antropólogos devem estar subordinados aos direitos das populações que são objeto de pesquisa e têm como contrapartida as responsabilidades inerentes ao exercício da atividade científica”. Em termos gerais, esse código pode ser considerado como um anteparo e um referencial para a/o antropóloga/o, contudo, conforme o próprio trecho transcrito indica, não só a pesquisa, mas os sujeitos relacionados a ela estão subordinados a legislação em vigor no país.

Em função de serem legalmente incapazes de responderem por seus atos, a atenção a envolvimento afetivos de sujeitos na menoridade, conforme indica Laura Lowenkron (2008), diverge quando confrontados parâmetros legais e costumes na prática social. Assim, enquanto condutas heterossexuais intergeracionais podem ser toleradas, os relacionamentos intergeracionais homossexuais podem não ter a aprovação ou reconhecimento. Ao contrário, indivíduos em condutas não-heterossexuais mesmo que adultos estão sujeitos a consequências

¹³ Texto disponível em <http://www.abant.org.br/index.php?page=3.1>

graves que podem ser traduzidas em casos de violência e retaliações¹⁴.

Em uma breve mirada é possível identificar ao menos dois mecanismos legais que podem ser acionados para a regulação de envolvimento afetivos ou/e eróticos com sujeitos na menoridade. No Estatuto da Criança e do Adolescente, regulamentado via lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990¹⁵, considera-se crianças pessoas com até doze anos incompletos e adolescentes aquelas/es cuja idade varia dos doze aos dezoito anos de idade. Somando-se a isso, a lei 12.015, de 7 de agosto de 2009¹⁶, em seu artigo 213 prevê pena em casos em que sejam constatadas práticas que venham a “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”. Em situações onde a vítima da agressão é menor de dezoito ou maior de catorze anos a pena é acrescida.

O que interfere nesta pesquisa e que fundamenta a postura do não envolvimento com as/os menores de dezoito anos advém de mecanismos legais, tais como os supracitados. Ao atribuírem a adolescentes uma atenção superestimada que corresponde a demandas morais implicadas no dispositivo da sexualidade essas regulações extravasam o âmbito legal e não operam na regulação das condutas e práticas eróticas apenas via legislação. Então, como indica Rubin, “aunque el aparato legal sobre el sexo es inmenso, la mayor parte del control social cotidiano es extra-legal. Se imponen sanciones sociales menos formales, pero muy efectivas, a los miembros de poblaciones sexuales “inferiores” (1989: 156).

Marco Antônio foi um importante interlocutor que tive durante alguns meses de trabalho de campo. Considerando que eu precisava ter acesso a interlocutoras/es e, contudo, no início da pesquisa não conhecia nenhuma das pessoas que freqüentavam a Área Fértil, por meio do garoto pude inaugurar uma rede de contatos. Sendo assim, destaco um paradoxo na tentativa de fazer desta etnografia um empreendimento “possível”: o desejo de Marco foi constituído como via eficaz de aproximação que pude desenvolver em campo, entretanto, a

¹⁴ Restrições de várias ordens fazem *aceitáveis* ou *justificáveis* um número bastante limitado de práticas. Em um alerta provocador, Rubin, salienta que “la única conducta sexual adulta legal en todas partes es colocar el pene en la vagina en el matrimonio” (1989: 154).

¹⁵ Texto disponível no site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm

¹⁶ Para consulta, verificar http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm

interação passou a ser prejudicada quando a modalidade de contato desejada pelo interlocutor não foi correspondida pelo antropólogo.

Ainda que não eu possa ou queira desenvolver algum tipo de contato como o pretendido por Marco, a etnografia não perde seu lastro enquanto um projeto de conhecimento. Os casos de Alexandre e Elaine ilustram situações em que o desejo não correspondido é formulado em outra modalidade de relação onde o contato entre as/os adolescentes e o antropólogo é mantido. Como pontuam Eckert e Rocha, é necessário considerar que “o resultado de um trabalho de campo se mede pela forma como o(a) próprio(a) antropólogo(a) vai refletir sobre si mesmo na experiência de campo” (2008: 16).

Estou condicionado e decidido a não ingressar em envolvimento afetivo-sexuais intergeracionais. Qualquer maneira, apesar de medidas que não prejudiquem ou interditem a continuidade do trabalho de campo em função do público a qual pesquiso, não deixo de ser refém de implicações para esta investigação. A título do exemplo discutido, cito como consequência a dificuldade de acesso algumas dessas/es jovens e, no limite, o distanciamento em definitivo de alguns interlocutoras/es-chave. A ênfase atribuída ao contato com Marco Antônio é uma situação ímpar que, mediante sua relevância para a etnografia, permite não só refletir a subjetividade erótica em campo, senão pensar sobre uma complicada equação formada pela ética antropológica e os marcos jurídicos e legais que estabelecem penalidades e imputam fronteiras no trato com sujeitos na minoridade.

6. Escolhendo poções para seguir até as considerações finais

Retomando a menção a Alice na epígrafe do texto, gostaria de sublinhar que este trabalho está em andamento e, sendo assim, sujeito a inúmeras reviravoltas e situações inesperadas. Como a personagem faz em sua jornada pela toca do coelho, eu também gostaria de ter acesso a certas poções para melhor lidar em cada situação em particular. Na cena da violência contra as/os jovens, por exemplo, eu optaria tornar-me gigante a ponto de evitá-la; ou, ainda, na ocasião dos flertes e dos momentos em que as/os garotas/os interditam acesso a mim seria ideal ter a poção que me fizesse sumir de tão pequeno e escapar sem escoriações. Contudo, resta-me seguir a trilha das/os interlocutores e das teorias para articular as

ferramentas correlatas às poções que, assim, me permitirão seguir em frente na construção da etnografia.

Retomando algumas colocações do texto, indico que em seus circuitos pela cidade as/os jovens da Área Fértil utilizam de logradouros públicos e demais equipamentos urbanos para sociabilidades sem que sua demanda por afetos, lazeres, e prazeres esteja circunscrita e compulsoriamente localizada em ambientes comerciais ou/e específicos para públicos cuja conduta erótica não corresponda à heterossexualidade. Sendo assim, essas garotas e garotos ocupam – mesmo que temporariamente – simbolicamente ambientes como o parque público e promovem um efeito de resistência nos trajetos que perfazem na cidade.

As/Os jovens em destaque estão inseridos dentro dos mecanismos de organização e de cada lugar, seja entre árvores ou paredes. Não é a violência ou, ainda, as festas ocasionais que as/os retiram do parque. Ambos os locais são correspondentes a seus percursos em contexto urbano e, assim, as/os adolescentes podem optar e ter acesso por um ou/e outro. O aspecto que reforça o caráter instigante dessas sociabilidades é que aquelas/es nelas inseridas/os não o fazem na modalidade do silêncio, do segredo, da discrição e dissimulação.

Durante minhas incursões a campo, consegui apreender alguns referenciais e parâmetros que me impeliram a adotar posturas para não me afastar das/os jovens e, simultaneamente, provocaram minha aproximação em relação a suas redes. A etnografia que realizo na Área Fértil e em ambientes onde as/os adolescentes circulam, contudo, não me permite a ser um/a delas/es, senão promover constante negociação para “participar”, interagir e congregar suas sociabilidades.

Além das peculiaridades na realização da etnografia e o minucioso processo de aproximação entre pesquisadoras/es e interlocutoras/es, gostaria, em última instância, de registrar um importante critério para continuação do trabalho. Vale à pena recorrer novamente a Alice que, ao seguir por labirintos tortuosos e coelhos extraordinários, o faz porque arde de curiosidade. Afinal, em uma postura reflexiva, creio que vale a pena desenvolver etnografias justamente porque elas podem ser *boas para viver*.

7. Referências bibliográficas

BRANDÃO, Carlos. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Sociedade e Cultura*, v.

10, n. 1, p. 11-27. 2007.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. *À meia-luz...* Uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. Tese de Doutorado: Universidade Estadual de Campinas, 2010a.

_____. "Mas agora confessa..." Notas sobre clubes de sexo masculinos. In: *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Abr. 2010b. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/40>. Acesso: 19 de ago de 2010.

BUTLER, Judith. Introducción. In: *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. 1ª ed. 1ª reimp. Buenos Aires, Paidós, p. 19-49, 2005.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARRARA, Sérgio; SIMOES, Júlio Assis. In: Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. In: *Cadernos Pagu*. Jan./June, no. 28. 2007.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. *Dark Room* aqui: um ritual de escuridão e silêncio. In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 16, p. 1-304, 2007.

_____. *Nas redes do sexo: bastidores e cenários do pornô brasileiro*. Tese de Doutorado: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2009.

ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. In: GUAZZELLI, César e PINTO, Céli (orgs.). *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Tradução de Paula Siqueira. In: *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANÇA, Isadora Lins; SIMÕES, Júlio Assis. Do "gueto" ao mercado. In: GREEN, James & TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos*. São Paulo. Editora UNESP, 309-336, 2005.

HALPERIN, David. *San Foucault: para una hagiografia gay*. Córdoba, El Cuenco De Plata, 2004.

LACOMBE, Andrea. "Tu é ruim de transa!" ou como etnografar contextos de sedução lésbica em duas boates GLBT do subúrbio do Rio de Janeiro. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (orgs). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

LEACH, Edmund. *Sistemas políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: EDUSP, 1996.

LOWENKRON, Laura. *Sexualidade e (Menor)idade: estratégias de controle social em diferentes escalas*. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2008.

- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. In: *Tempo soc.*, vol.17, n.2, p. 173-205, 2005.
- _____. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José; TORRES, Lilian (Orgs.). *Na Metrópole*. Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução. In: *Argonautas do Pacífico Ocidental*: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné e Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, p. 17-34, 1978.
- MEAD, Margaret. *Adolescencia y Cultura en Samoa*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1967.
- MISKOLCI, Richard. Comentário. In: *Cadernos Pagu*. Jan./June, no. 28. 2007.
- PERILO, Marcelo. Eles botam o bloco na rua: sociabilidades homoeróticas de jovens em espaços públicos não-comerciais em Goiânia. In: *Anais da 27ª Reunião Brasileira de Antropologia*. Belém, 2010.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê*: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo, 2008.
- PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. In: *Sociedade e Cultura*, v. 11, n. 2, p. 263-274. 2008.
- RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. In: *Signs*. Summer, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980.
- ROGERS, Paulo. *Os afectos mal-ditos*: o indizível das sexualidades camponesas. Dissertação de mestrado: Universidade de Brasília, 2006.
- RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole. (comp). *Placer y peligro*. Explorando la sexualidad femenina. Madrid: Revolución, p. 113-190, 1989.
- SEDGWICK, Eve. *Epistemologia del armário*. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 1998.
- SIMÕES, Júlio. Sexualidade, gênero, cor/raça e idade em lugares de sociabilidade homoerótica em São Paulo. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 8*, 2008.
- VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Madrid: EGALES, 2006.